

DILON DJINDJE QUER VOLTAR AOS PALCOS

N. 6/14/62
P. 2

★ **“Conciliar a actividade artística com o trabalho do campo é a minha intenção”**

Rogério Sítio

Venâncio da Conceição Dilon Djindje, popularmente conhecido por Dilon Djindje, foi considerado nos anos 60 como o grande rival na música de marrabenta, do também conceituado artista musical, Fany Fumo. Hoje, na qualidade de agricultor, nas cooperativas de produção em Marracuene, Djindje surgiu recentemente na nossa Redacção, com o intuito de relatar-nos algumas novidades sobre a produção de arroz, de que ele é responsável naquela área. Durante horas a fio de conversa, que como é óbvio, não foi possível evitar, tornou-se possível despoletar o espirito laivo de artista que nele ainda sobrevive, o que culmina com a revelação que nos pede para aqui registarmos. «Quero voltar brevemente ao palco e exhibir o meu novo estilo de marrabenta» — diz firme, como que, querendo exprimir à viva força, mesmo com os seus 50 anos, que vai de novo brilhar como a antiga «Estrela de Marracuene».

Dilon Djindje afastou-se da cena musical em 1977, regressando a terra natal, em Marracuene, para dedicar-se à agricultura, como sua actividade principal, que aprendera desde a infância com os pais. A «Estrela de Marracuene», nome com que foi baptizado nos anos 60, quando atingiu o auge da popularidade, nunca abandonou por completo a marrabenta, seu estilo predilecto.

Cheguei a pensar que seria aconselhável para mim, devido a uma gama de responsabilidades que tenho em Marracuene, largar de vez a viola e esquecer as dançarinas. Mas, isto é igual a enganar-me, a mim mesmo. Como quero as duas coisas, agora o que importa é como juntar.

A medida que Dilon Djindje, hoje, agricultor, descreve a sua ocupação em Marracuene, fomos de facto compreendendo a origem camponesa deste artista. Apesar dos grandes sucessos obtidos ao longo da sua carreira artística, não lhe foi difícil, como afirma, voltar a cultivar arroz. Djindje é actualmente, no Distrito de Marracuene, presidente das cooperativas agrícolas da Zona Sul e Secretário do Comité de Controlo dos Conselhos de Produção.

UMA PARAGEM PARCIAL

Quando em 1977, Dilon Djindje regressou aos verdes campos da sua terra natal, apenas marcou a ruptura da conhecida «Estrela de Marracuene», com os palcos do «Sporting», do «Monumental» e de outras salas de espectáculo. A verdade, porém, é que, em Marracuene e arredores, continuam a actuar, proporcionando aos residentes, em particular de algumas aldeias comunitárias, fins-de-semana musicais, não deixando de manter em segredo para a grande capital o seu novo estilo de marrabenta, que brevemente apresentará ao público.

Para Dilon, o regresso à cena musical depende apenas da chegada de instrumentos musicais, fundamentalmente violas acústicas, cuja compra está a cargo de amigo seu, presentemente na África do Sul. — Está apenas à espera de encontrar alguém conhecido, que venha a Maputo, para

entregar-me os instrumentos, diz Dilon, que acrescenta:

— Tenho já tudo preparado, inclusive o conjunto, formado por mais dois jovens, para além das dançarinas. Devo dizer também, que estou numa fase de preparação intensiva. Para tanto, convidei Alexandre Langa a actuar em Marracuene, o que provavelmente marcará o meu primeiro passo a sério no regresso à música, acto seguido de gravações de novas canções na Rádio Moçambique.

QUEM FOI DILON DJINDJE

Graças à minha sobrinha fui o que fui como artista — introduziu Djindje no relato cronológico da sua evolução como músico, até à conquista da fama nos círculos populares.

A história inicia-se em 1962/63, quando foi organizado pelo locutor, da então «Hora Nativa», Samuel Dabula, o concurso «O Vosso Cantor».

Fany Fumo gravou as suas canções na África do Sul, onde residia, enviando para Lourenço Marques os discos. Assim ganhou o primeiro prémio.

Na sequência desta realização, numa das aulas leccionadas por Samuel Dabula, no Centro de Xipamanine, surgiu a sobrinha de Djindje, pondo em causa a superioridade de Fany sobre o seu tio.

— Apenas me recordo que a minha sobrinha apareceu em casa toda ofegante, a dizer-me que estava convidado para ir à «Hora Nativa» gravar as minhas canções para toda a gente ouvir.

Assim, em 16 de Dezembro de 1964, Dilon gravou a sua primeira canção, com o título «Virgínia Macuácuá». Muitas outras se seguiram até que, em 1967/68, lhe proporcionaram a conquista da fama, particularmente na então Lourenço Marques.

Nesta altura, em que já era chamado a «Estrela de Marracuene», Djindje a tocar apenas com uma viola, acompanhado por um grupo de dançarinas, começou a surgir em espectáculos de palco e, em 1972, foi contratado como conjunto privativo, para actuar no «Folclore», onde se realizavam as touradas.

No ano seguinte, foi admitido nas «Produções 1001» com a tarefa de organizar artistas para realizarem espectáculos do programa «Xitimela 1001», actividade da qual desistiu, volvidos quatro anos, para dedicar-se à agricultura.

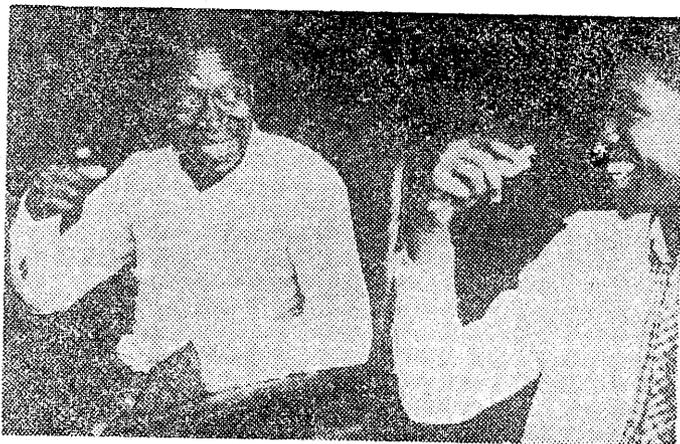
— Foram anos muito felizes, que passei na minha vida — afirmou-nos Djindje — Devo dizer, com franqueza, que a minha fama, para quem conhece as minhas canções, não era novidade, senão para mim mesmo. Pois

amigos pessoais. Sei que, a partir de 1973, quando pela primeira vez actuei com o «meu rival» para o público, o acto foi aproveitado pela publicidade na altura, como se fôssemos inimigos pessoais. Mas, não, apenas éramos rivais musicais, o que considero natural.

De facto, consta que, a partir de 1964-65, altura em que Dilon Djindje atingiu o apogeu na marrabenta na ex-Lourenço Marques, Fany Fumo gravou uma canção, na África do Sul, para a «Hora Nativa», em resposta ao surgimento de Djindje, Fany Fumo diz que, «em Marracuene, existe um «King» (rei) da Marrabenta, mas que aqui não há-de ser nada».

— Eu, imediatamente, respondi ao Fany. Claro, através de uma música, pois, até então, eu pessoalmente não o conhecia. Como é evidente, enalteci a minha figura como artista da marrabenta.

Como esclarece Dilon Djindje, está controversa através de canções entre os dois, prolongou-se até 1973, quan-



À esquerda, o artista popular da marrabenta, dos anos 60, Dilon Djindje, dialogando com o nosso repórter: A minha intenção é conciliar a actividade artística, com o trabalho agrícola. (Foto de Isidro Pascoal)

para fazer as minhas músicas, eu inspirava-me nas actividades diárias que se viviam na alutra.

Recordo-me por exemplo, da aceitação que teve a canção, que gravei em 1965, chama «Nixava xa nima Maria», que era em resposta às doenças venéreas que proliferavam em Marracuene.

AS FRICÇÕES DILON-FANY

— Depois de 30 anos como músico, quero esclarecer as pessoas por vosso intermédio, que eu e o Fany Fumo fomos sempre rivais no palco, mas

do actuaram juntamente no Pavilhão do «Sporting».

— Só que, na realidade, somos grandes amigos pessoais, sempre fomos. Actualmente, o Fany Fumo, passa alguns dias na minha casa e assim vice-versa, e aproveitamos este tempo para recordar as velhas façanhas.

Admirei sempre o meu amigo como músico e cantor. Mas, acho que ele teve mais oportunidade e condições para se fazer como artista do que eu — assim concluiu Djindje a narração, principalmente dos 10 anos que foi conhecido como um dos conceituados músicos da dança marrabenta.